

## Freud e a escrita de pesquisa - uma leitura bakhtiniana

Professora Doutora Marília Amorim  
(Université Paris VIII - Vincennes Saint-Denis)

### Resumo:

Esse artigo se propõe a empreender uma análise dialógica de um estudo de caso clínico em Freud. Identifica as vozes que falam no texto de Freud de maneira a analisar como se constroi a escrita e o pensamento freudiano. Problematiza a questão do discurso citado na passagem da pesquisa de campo para a situação da escrita e suas implicações para a epistemologia das ciências humanas. Conclui tratando da especificidade da cena enunciativa da escrita como lugar possível de emergência da voz do autor/pesquisador.

**Palavras-chave:** dialogismo, voz, sentido.

### Abstracts:

This paper purposes a dialogical analysis of a Freud's clinical case study. The voices who talks in the Freudian text are identified in the aim of analysing how Freud's writing and thinking is built. The question of reported discourse from the context of research's field to writing situation is discussed in its implications to humanities' epistemology. The conclusion proposes the specificity of writing's scene conceived as a place where may emerge the author's and searcher's voice.

**Key words:** dialogism, voice, sense.

No presente artigo, pretendo tratar de um texto clínico de Freud enquanto escrita de pesquisa. Essa escolha de leitura se baseia em duas razões. A primeira delas é que a difusão do conhecimento, muito mais do que aquela que se dá por transmissão oral, faz-se por intermédio dos textos o que lhes confere o estatuto de lugar de circulação de conhecimentos. A segunda razão é que a escrita de uma pesquisa, embora tratada comumente como uma escrita dos "resultados da pesquisa", é ela própria lugar de pesquisa, de descobertas e de produção de conhecimentos. No caso da psicanálise, a escrita de um caso clínico não pode ser considerada como mera transposição dos conhecimentos produzidos no campo da prática porque na cena enunciativa da escrita algo se perde do que

aconteceu em campo. A cena enunciativa de origem não pode ser restituída Mas na outra cena que é a escrita, acontecem coisas novas e decisivas para a pesquisa. Para tentar ler no texto clínico o que acontece na cena da escrita, lançarei mão do conceito de **voz** da teoria dialógica do discurso de Mikhaïl Bakhtine. Quando se está escrevendo, ouvem-se vozes, faz-se falar algumas delas e, a elas respondendo, consegue-se chegar (ou não) a fazer ouvir sua própria voz.

Escolhi para trabalhar aqui o texto "Análise de uma fobia em um menino de cinco anos"<sup>1</sup> (FREUD, 1999), mais conhecido como o caso do pequeno Hans. Esse texto me parece exemplar da problemática do texto em Ciências Humanas tal como é colocada por Bakhtine em suas anotações a esse respeito (BAKHTINE, 1984)<sup>2</sup>. De uma maneira geral, os textos de Freud exemplificam bem os dois polos entre os quais se move o texto das ciências humanas: de um lado as tentativas de explicação e conceitualização universalizante, de outro, a interpretação de discursos únicos e singulares. Dito de outra maneira, o polo da descoberta de um sistema com suas leis e significações reiteráveis (polo da língua) e o polo epistêmico oposto que é aquele do acontecimento do sentido (polo do enunciado). Além disso, se observamos a história da psicanálise, a presença dos dois polos se confirma. Se é inegável que a psicanálise constitui um campo conceitual relativamente unívoco que, por isso mesmo, mostrou-se transmissível ao longo das décadas, também é verdade que se multiplicaram releituras e reinterpretações onde o jogo de sentidos não cessou de ser reaberto.

De que trata o texto do caso do pequeno Hans? Sem entrar nos meandros técnicos da clínica da fobia, esse texto é extremamente importante pois permite confirmar duas hipóteses centrais no pensamento freudiano. A primeira delas concerne a teoria da sexualidade infantil, com seus estágios e percalços o que, ao mesmo tempo, embasa a concepção da neurose adulta como algo que remete à infância sexual do sujeito. A segunda, menos difundida fora do meio psicanalítico, coloca a sexualidade infantil na base da

---

<sup>1</sup> A primeira publicação desse artigo data de 1909 e a reedição revista e reescrita por Freud data de 1923. Todas as citações de textos de Freud são extraídas de edições francesas e traduzidas por mim.

<sup>2</sup> Todas as citações de textos de Bakhtin são extraídas de edições francesas e traduzidas por mim.

atividade intelectual adulta. Assim, a curiosidade intelectual, a inteligência e a capacidade de lidar com problemas e enigmas no campo do saber derivam diretamente da intensa atividade mental mobilizada na infância para lidar com as dúvidas relativas à sexualidade em geral e, em particular, àquela que a criança advinha estar na origem da vida e de seu próprio nascimento.

Antes de prosseguir, cabe observar que, para tratar da questão da escrita de pesquisa, detive-me nos trechos do texto que me pareceram mais significativos a esse respeito e deixei de lado uma grande parte em que o interesse pareceu-me apenas relativo às questões específicas da psicanálise.

Parafraseando Bakhtin, pode-se dizer que o objeto do texto freudiano não é um objeto virgem, adâmico ou ainda não designado<sup>3</sup>. O texto revela que a questão da origem infantil das neuroses adultas se constitui como um **objeto falado** por outros. Nas páginas 192-193, aparece a referência a Alfred Adler e sua teoria dos impulsos agressivos da criança em relação a seus pais. Freud não concorda com Adler porque este postula uma tendência agressiva da criança enquanto que Freud postula a hipótese da sexualidade. Mas o desacordo, como nos explica Bakhtin, faz parte da alteridade constitutiva de um discurso. Isso fica ainda mais claro quando se identifica a **arena da palavra** tal como ela aparece no texto. Em nota da página 193, redigida na reedição posterior de 1923, Freud retoma a divergência com Adler e percebe-se então que a criação do termo "instinto de morte" ou "instinto de destruição" se tece na tensão alteritária com o termo adleriano de "instinto de agressão".

Na sequência histórica de sua circulação, o objeto do texto irá ainda ser falado e ampliado. Na nota 3 da página 95, também redigida na reedição de 1923, Freud comenta a contribuição de Lou Andreas Salomé, A. Starke, F. Alexander e outros para o conceito de castração que é, como se sabe, um conceito-chave na teoria da sexualidade infantil.

Uma segunda via para se ouvir as vozes desse texto é seguir a pista deixada por Bakhtin em sua célebre formulação: **a palavra se dirige**. Quem são os destinatários do

---

<sup>3</sup> A citação original é: "Um locutor não é o Adão bíblico, diante de objetos virgens, ainda não designados, que ele é o primeiro a nomear." (BAKHTINE, 1984, p. 301).

texto de Freud? Além da destinação geral que supõe todos aqueles que se interessam pela teoria psicanalítica, há também o **destinatário presumido** ou **suposto** que fala no texto através das possíveis objeções daqueles que não aderem à psicanálise. Essa voz, incarnada pela figura dos médicos da época e dos "adeptos do homem normal", como diz Freud (FREUD, 1999, p.193), integra a construção do raciocínio freudiano na medida em que este antecipa o que poderia ser dito.

Sem dúvida, muitos médicos que desconhecem a natureza da psicanálise imaginam que estaríamos reforçando os maus instintos ao fazer com que se tornem conscientes.(FREUD, 1999, p.195)

A destinação presumida prossegue, agora referindo-se, já no início, com ironia explícita para com o discurso do **outro** e acescentando, ao final, a voz de Shakespeare em sua conhecida comédia:

Esses "sábios" agem pois logicamente quando nos suplicam em nome dos céus para não tocarmos nas coisas perigosas que se escondem por trás de uma neurose. Mas esquecem que são médicos e que suas advertências se assemelham estranhamente às de Dogberry de Shakespeare, em **Muito barulho por nada** quando aconselha os guardas a evitarem todo contato com ladrões ou malfeitores: "Pois quanto menos frequentarem tamanha escória, melhor será para vossa honestidade."(FREUD, 1999, p.195).

Ouve-se também a voz daquele que Bakhtin designa como **sobredestinatário** e que remete à grande temporalidade na qual o texto é projetado. Esse conceito fala de um endereçamento que visa a alcançar um interlocutor abstrato (a História, a Verdade, Deus, etc.) que poderá acolher o texto para além dos limites de compreensão dos interlocutores contemporâneos ao contexto em que o texto é escrito e difundido. O caráter abstrato se marca pelo uso de substantivos abstratos precedidos pelo artigo definido (a/o) que confere uma dimensão universalizante. O sobredestinatário da teoria bakhtiniana é também um destinatário ideal: aquele que seria capaz de um julgamento verdadeiramente justo sobre o texto.

(...) sobredestinatário superior (o terceiro) cuja compreensão responsiva [no sentido de resposta] absolutamente exata é pressuposta seja no longínquo metafísico, seja num tempo histórico distante. (BAKHTINE, 1984, p.336)

Pois é justamente no trecho em que Freud se debate com as possíveis objeções dos médicos de seu tempo que ele recorre a essa destinação:

Estou inclinado a pensar desse modo, mas não sei se outras pessoas irão compartilhar de meu ponto de vista. Não sei se a experiência me dará razão. (FREUD, 1999, p.195)<sup>4</sup>

Ainda em outro trecho, a sobredestinação parece estar marcada:

Abandono essas questões e deixo-as para o exame e decisão de outros juízes. (FREUD, 1999, p.197)

Finalmente, no pós-escrito que Freud acrescentou a esse artigo e ao qual deu o título sugestivo de **Epílogo (1922)**, temos acesso às vozes de alguns dos **destinatários reais** que o artigo de Freud encontrou à época de sua primeira publicação

A publicação dessa primeira análise de uma criança havia causado uma grande emoção e uma indignação ainda maior; predizia-se toda sorte de infelicidade para o pobre menino, violado em sua inocência em uma idade tão tenra e vítima de uma psicanálise. (FREUD, 1999, p.198)

Antes de prosseguir, vale lembrar que as múltiplas vozes que estão aqui sendo identificadas, são parte constitutiva da escrita freudiana e da reflexão que nela se elabora, do mesmo modo que elas participam necessariamente do nosso trabalho de leitores e do **contra-texto**<sup>5</sup> que se tece em nossa construção de sentido.

Passemos agora àqueles aspectos que mais interessam nossa problemática da escrita de pesquisa em ciências humanas. Assiste-se aqui a um constante ir e vir entre o material

---

<sup>4</sup> O grifo é meu.

<sup>5</sup> Segundo Bakhtin, a compreensão é uma contra-palavra.

discursivo singular que produz o pequeno Hans e as explicações que consolidam significações abstratas e universalizantes que irão constituir o cerne da teoria psicanalítica: complexo de castração, recalque, pulsão, perversão infantil, etc. Interessante observar que esse movimento entre os dois polos de que fala Bakhtin aproxima, de certo modo, a escrita das ciências humanas da escrita literária<sup>6</sup>. O próprio Freud se dá conta dessa contiguidade entre as duas escritas. Em um outro estudo de caso, ele diz:

(...) a mim mesmo causa singular impressão constatar que minhas observações de pacientes se lêem como romances e que carecem, por assim dizer, do selo científico próprio às escritas doutas. Mas me consolo pensando que este estado de coisas se deve à natureza do objeto tratado e não a minha escolha pessoal.(FREUD, 1956, P.127)<sup>7</sup>

Vemos aqui que Freud se utiliza dos mesmos termos que Bakhtin: é a natureza de seu objeto que produz a especificidade do texto das ciências humanas. Freud se refere a essa questão sempre que deve se haver com o material da clínica. Podemos interpretar que isso se deve exatamente pelo fato de que é na clínica que o discurso singular do **outro** aparece e que com ele se encontra o discurso do analista. Nesse mesmo estudo de caso, citado acima, que integra suas primeiras pesquisas clínicas acerca da histeria, vemos Freud já às voltas com aquilo que designei em outra oportunidade (AMORIM, 2001) como o **objeto falante** das ciências humanas:

Além disso, as pernas doloridas começaram também elas a "falar" durante nossas sessões de análise.(FREUD, 1956, P.117)

Na perspectiva psicanalítica é exatamente disso que se trata no fenômeno da histeria: um **corpo falante**. Em um outro texto, encontramos Freud novamente problematizando a escrita clínica:

---

<sup>6</sup> O que fornece aos chamados "ficcionalistas" o argumento para afirmarem que as ciências humanas não são ciências e sim ficções ou mitos. Claro está que essa radicalização do polo interpretativo conduz a uma postura relativista que não encontra respaldo na concepção bakhtiniana. Para uma discussão do problema, ver AMORIM, M., 2001.

<sup>7</sup> O grifo é meu.

É preciso não perder de vista que na história de pacientes analíticos, os relatórios precisos contribuem muito menos do que se poderia esperar deles. Rigorosamente falando, eles pertencem a essa exatidão aparente da qual a psiquiatria "moderna" nos fornece mais de um exemplo. Em regra geral, eles são cansativos para o leitor e não conseguem apesar de tudo substituir a presença na análise.(FREUD, 2005, P.148)

A exatidão aparente de que fala Freud parece conduzir ao mesmo raciocínio de Bakhtin quando compara as ciências humanas às demais ciências: para estas, o limite da exatidão é dado pelo princípio da identidade ( $A=A$ ); no campo do humano, o sentido de um discurso nunca é idêntico a si mesmo ( $A \neq A$ ).

Nas ciências humanas, a exatidão consiste em superar a alteridade do que é do outro sem transformá-lo em alguma coisa que é sua (...).(BAKHTINE, 1984, P.392)

No trecho acima em que critica os relatórios, Freud faz também referência ao problema da perda de presença que está implícita em toda escrita. Como restituir o que a escrita faz perder? Mais adiante, tentarei responder a essa questão. Voltemos agora ao texto sobre o pequeno Hans para mais um comentário de Freud sobre o problema da escrita da clínica:

É realmente lamentável que a exposição de uma psicanálise não possa restituir as impressões que recebe o analista, que uma convicção decisiva não se possa nunca obter pela leitura, mas apenas pelas experiências que vivenciamos fazendo uma análise.(FREUD, 1999, P.167)

Se retomamos a idéia de **romance** a qual já havia se referido Freud, é sugestivo o fato que ele tenha escolhido entitular seu pós-escrito como **Epílogo**. E as primeiras linhas colocam realmente o leitor diante de uma narração:

Há apenas alguns meses – na primavera de 1922 – um jovem se apresentou a mim e disse ser o "pequeno Hans" cuja neurose infantil

havia sido objeto do trabalho que eu publicara em 1909.(FREUD, 1999, P.198)

Lemos em outro exemplo, um longo trecho em que acontecimentos, datas, lugares, circunstâncias e nomes próprios compõem a narração e contextualizam diálogos de sujeitos singulares tal como em uma escrita literária:

Mas o grande acontecimento da vida de Hans é o nascimento de sua irmãzinha Anna, quando ele está exatamente com 3 anos e ½ (ele nasceu em abril de 1903 e sua irmã em outubro de 1906). Seu comportamento na ocasião foi logo notado por seu pai: "Nessa manhã, bem cedo, às 5 horas, como as dores de parto começavam, a cama de Hans foi deslocada para o quarto vizinho. Ele acorda às 7 horas e ouve os gemidos da parturiente; pergunta então: 'Porque mamãe está tossindo?' E logo depois: 'É claro que a cegonha vai chegar hoje.'(FREUD, 1999, P.97)

Nesse ponto, retomo a questão da especificidade do texto das ciências humanas de que fala Bakhtin: texto sobre texto, discurso a respeito de discurso, que por sua vez remete a outros discursos e assim por diante. Essa espécie de vertigem do olhar e da escuta acentua o caráter inacabado e problemático da escrita de pesquisa nesse âmbito. Todo discurso se dá em uma cena enunciativa singular onde um dos elementos fundamentais para a construção de sentido é ainda uma outra voz, aquela do destinatário desse discurso: a quem se dirigia aquilo que foi dito e que se constituiu em objeto do pesquisador? Estamos aqui confrontados com a problemática do discurso citado: nenhum discurso tem um sentido em si mesmo e não há sentido de origem; ele se reconstrói a cada cena enunciativa e a própria cena em que ele é citado já se constitui em uma outra cena.

No caso do texto sobre o pequeno Hans, temos a seguinte particularidade: Hans fala para seu pai ou para sua mãe. O trabalho de Freud é quase que inteiramente baseado nos relatos do pai. Relatos em grande parte escritos e dirigidos estritamente a Freud. No início do texto, Freud explica que se encontrou com Hans apenas uma vez e que forneceu ao pai as linhas gerais de orientação (tratamento e educação) psicanalítica que o pai deveria seguir em relação ao filho. Pode-se então dizer que não é apenas Hans quem fala no que ele

diz. Seu discurso é habitado pela voz do pai e/ou da mãe o que deixa em aberto a questão da interpretação do discurso de Hans.

A cadeia de endereçamento é a seguinte:

a) o filho se dirige ao pai - na leitura bakhtiniana, pode-se dizer que o filho, ao se dirigir ao pai, já está respondendo a alguma coisa que o pai lhe comunica ou significa;

b) o filho se dirige à mãe que relata ao pai o que o filho lhe disse; a questão anterior aparece aqui duplicada: pode-se dizer que Hans responde ao que a mãe de algum modo lhe significa e esta, por sua vez, relata ao pai já levando em conta uma determinada predisposição do pai a escutá-la;

c) o pai se dirige a Freud e o que ele diz faz todo sentido no seu diálogo com Freud o que quer dizer que quando o pai se dirige a Freud ele também quer lhe significar algo em relação ao que este (Freud) lhe (o pai) significa. Por exemplo, na página 105 pode-se ler:

"Caro doutor,

Eu vos endereço ainda uma coisa que concerne a Hans e, infelizmente, desta vez é realmente uma contribuição à história de um caso. Como o senhor verá, nesses últimos dias, manifestaram-se nele alguns distúrbios nervosos que muito nos têm preocupado, a mim e a minha mulher, porque não conseguimos encontrar nenhum meio de dissipá-los. Eu vou me permitir ir amanhã...vos encontrar, mas...vos remeto um relatório escrito daquilo que pude recolher." (FREUD, 1999, P.105)

Os objetivos de Freud quando ouve/lê o que lhe diz o pai são explícitos: obter elementos para demonstrar suas hipóteses sobre a sexualidade infantil, hipóteses que se constroem na clínica psicanalítica com pacientes adultos.

Seria então impossível observar diretamente na criança, em seu pleno frescor, esses impulsos sexuais (...) que constituem patrimônio comum de todos os homens e que somente se manifestam no neurótico de modo desfigurado ou reforçado? (...) É com esse objetivo que tenho incitado meus alunos e meus amigos a recolher observações sobre a vida sexual das crianças (...). (FREUD, 1999, P.94)

Finalmente, o último elo da cadeia<sup>8</sup>:

d) Freud escreve dirigindo-se ao leitor e citando o discurso de Hans citado pela mãe e pelo pai. Já vimos/ouvimos as vozes daqueles a quem esse texto presumidamente se dirige e daqueles que de fato o receberam. Mais adiante trataremos do **como** se escreve o texto de Freud. Por ora, aprofundemos as consequências epistemológicas da cadeia enunciativa aqui descrita.

O papel do polo interpretativo na elaboração da teoria psicanalítica aparece aqui com toda sua riqueza e complexidade. Já vimos que Adler interpretaria diferentemente o discurso de Hans em função de sua teoria sobre os instintos agressivos. Poder-se-ia também, por exemplo, interpretar o discurso de Hans em função da educação que recebe de seus pais e, mais do que isso, em função da orientação que os pais recebem de Freud. A propósito, sobre as relações de Freud com a mãe de Hans, nas páginas 193-194, lê-se o seguinte:

Sua bonita mãe havia, com efeito, sofrido de uma neurose devido a um conflito na época em que era mocinha. Foi então que pude de alguma maneira ajudá-la e dessa ocasião datam de fato minhas relações com os pais de Hans. (FREUD, 1999, P.193-194)

Além disso, a escuta desses pais está claramente aguçada e voltada para questões relativas à sexualidade infantil uma vez que se colocaram na posição de ajudar Freud em sua pesquisa. Nesse sentido, é interessante citar o seguinte trecho dos escritos do pai:

"Como não quero deixar Hans na tensão psíquica em que esteve até então devido a seu amor pela menininha, eu os apresento e convido a menininha a vir vê-lo no jardim quando ele tiver terminado de fazer a sesta. Hans fica tão agitado com a espera que não consegue dormir naquela tarde e se remexe o tempo todo na cama. Sua mãe lhe pergunta: 'Porque você não dorme? Está pensando na menininha?' Ele responde que sim, todo contente."(FREUD, 1999, P.103)

---

<sup>8</sup> Na verdade, o encerramento da cadeia discursiva nesse ponto somente pode ser tomado como provisório pois poder-se-ia acrescentar, por exemplo, minha escrita desse artigo endereçada a determinados leitores, etc., etc.

O que é mais interessante porém é que Freud se dá conta do problema e antecipa essa objeção:

A segunda e mais séria objeção é a seguinte: a análise de uma criança feita por seu pai, quando esse pai aborda essa análise imbuído de minhas visões teóricas, infectado de meus preconceitos, é desprovida de qualquer valor objetivo.(FREUD, 1999, P.166)<sup>9</sup>

A resposta de Freud recorre evidentemente aos pressupostos teóricos da psicanálise e não vem ao caso desenvolvê-la aqui. Quero apenas assinalar que a consciência de Freud a respeito dos limites e problemas concernentes à utilização do discurso citado não se deve, ou pelo menos não apenas, ao seu gênio, mas, mais uma vez, à **natureza do objeto**. A psicanálise inventada por Freud é a primeira disciplina a colocar em prática e a sistematizar o que viria a ser definido por Bakhtin como especificidade das ciências humanas, isto é, o **trabalho com e sobre o discurso**. Do mesmo modo aliás, não me parece um acaso o fato que tenha sido um teórico da literatura quem melhor tenha definido essa especificidade. Acredito que também para Bakhtin, foi a natureza do seu objeto de pesquisa que o conduziu à compreensão profunda do estatuto do texto nas ciências humanas.

Passemos agora ao último elemento da minha leitura bakhtiniana da escrita de Freud. O texto é escrito na primeira pessoa do singular e apresenta seus demais marcadores (como o adjetivo possessivo **meus/minhas** da citação anterior) o que nos dá um acesso direto à voz do locutor/narrador e à proximidade entre locutor e objeto.

Vou agora reproduzir as anotações do pai a respeito do pequeno Hans tal como me foram entregues e, é claro, vou me abster de qualquer tentativa que estragaria a ingenuidade e a sinceridade da infância através de modificações convencionais.(FREUD, 1999, P.94.)<sup>10</sup>

Trata-se no entanto de um **Eu** circunscrito pelo discurso do gênero científico que se escreve, predominantemente, na terceira pessoa do singular. A terceira pessoa do

---

<sup>9</sup> O grifo é meu.

<sup>10</sup> O grifo é meu.

singular remete aqui a duas ocorrências distintas. A primeira delas é aquela em que o sujeito narrador singular desaparece para dar lugar a um **Ele** de pessoa genérica:

(...) o médico, que trata psicanaliticamente de um neurótico adulto, acaba chegando, pela descoberta das formações psíquicas consolidadas em extratificações sucessivas, a certas hipóteses sobre a sexualidade infantil em cujos componentes ele acredita ter encontrado as pulsões dinâmicas de todos os sintomas neuróticos da vida posterior.(FREUD, 1999, P.94)<sup>11</sup>

A segunda ocorrência é aquela em que as proposições teóricas, explicações ou conceitualizações se enunciam. Essa ocorrência da terceira pessoa verbal remete à clássica distinção estabelecida por Benveniste entre discurso e narrativa e que confere à narrativa um plano em que **ninguém fala** e onde são os **acontecimentos que falam**.(BENVENISTE,1966) Benveniste refere-se à narrativa literária e à narrativa da História e essa última irá se constituir como paradigmática do enunciado científico: plano<sup>12</sup> sem embragem, sem dêiticos de espaço ou de tempo e escrito em terceira pessoa. Por exemplo:

A análise não anula o efeito do recalque; os instintos reprimidos em seu tempo permanecem reprimidos.(FREUD, 1999, P.196)

No texto de Freud, a alternância dos enunciados em **Eu** e em **Ele** é perfeitamente coerente com a alternância dos polos interpretativo e explicativo de que já tratamos. Os enunciados em **Eu** trazem as situações em que Freud se encontra, seja no seu percurso singular de elaboração da escrita ou de elaboração teórica (suas dúvidas, seus trabalhos anteriores, etc.), seja no contexto singular de seus encontros com outros sujeitos falantes e seus respectivos discursos. Já os enunciados em terceira pessoa verbal trazem as proposições explicativas e generalizantes. Além disso porém, a imbricação entre polos explicativo e interpretativo é tão constitutiva e profunda que os enunciados em terceira

---

<sup>11</sup> O grifo é meu.

<sup>12</sup> Utilizo aqui o termo proposto por CHAREAUDEAU e MAINGUENEAU, 2002, P.210-211.

peessoa não são apenas esses do gênero científico, mas há também a terceira pessoa da narrativa de gênero literário:

Mas o maior acontecimento da vida de Hans é o nascimento de sua irmãzinha Anna (...). (FREUD, 1999, P.97)

De todo modo, mesmo se recorre à terceira pessoa genérica, o texto utiliza massivamente a narração em primeira pessoa, inclusive no mesmo parágrafo:

Expuz essas hipóteses em meus Três ensaios sobre a teoria da sexualidade; sei que elas parecem tão surpreendentes a um leigo quanto irrefutáveis a um psicanalista. Mas mesmo o psicanalista pode confessar o desejo de uma demonstração dessas proposições fundamentais que seja mais direta, obtida por caminhos mais curtos.(FREUD, 1999, P.94)<sup>13</sup>

Sabemos que a narração em primeira pessoa aproxima narrador e objeto. No texto em questão, ela produz tamanha proximidade que nos dá a impressão de estarmos diante de Freud em pessoa. Porém, se seguirmos as indicações de Bakhtin, a voz do narrador, mesmo daquele que diz **Eu**, não é a voz do autor. Se isso pode parecer evidente no caso da literatura, em ciências humanas, as duas vozes são frequentemente confundidas e por isso cabe insistir:

Mesmo no caso em que ele [o autor-criador] compuzesse uma autobiografia, ou a mais autêntica das confissões, assim mesmo ele permaneceria fora do mundo que ali fosse representado porque ele seria o seu criador. Se narro (ou relato por escrito) um acontecimento que acaba de me ocorrer, eu já me encontro em posição de narrador (ou escritor), fora do tempo e do espaço em que o episódio ocorreu. A identidade absoluta de meu "eu" com o "eu" do qual falo é tão impossível quanto suspender-se a si mesmo pelos cabelos! Por mais verídico, por mais realista que seja o mundo representado, ele não pode nunca ser idêntico, do ponto de vista espacio-temporal, ao mundo real, representante, onde se encontra o autor que criou essa imagem.(BAKHTINE, 1978, P.396)

---

<sup>13</sup> O grifo é meu.

Ao distinguir **criador** e **criatura**, Bakhtin confere ao **eu** do narrador um estatuto de personagem. No estudo de Todorov sobre Bakhtin, encontramos a seguinte formulação:

O autor produz o enunciado inteiro, inclusive a "imagem do autor"; mas ele é produtor e não produto, natura naturans e não natura naturata. (TODOROV, 1981, P.82)

Gostaria então de concluir formulando uma hipótese interpretativa a respeito da voz do autor nesse texto de Freud. Bakhtin diz que o autor se situa em todo lugar e em nenhum lugar em particular posto que ele é corresponde ao princípio organizador do enunciado na sua totalidade. O autor está no ponto de articulação entre a forma e o conteúdo, nas escolhas estilísticas que não são nunca arbitrárias, mas sim impostas pelo objeto e pelo gênero. Podemos ouvi-lo, mas não podemos vê-lo. Eu acrescentaria que, em uma pesquisa, a voz do autor é aquilo que a escrita faz ganhar já que, como vimos, nela há sempre uma perda. Há perda dos acontecimentos que se produziram na situação de campo e que, ao serem descritos, perdem, por definição, o caráter evenemencial. Mas na cena enunciativa da escrita, um outro acontecimento pode se produzir que, se não restitui a realidade dos corpos da situação de campo, faz aparecer um **outro corpo**, invisível porém audível: a voz do autor. Voltemos ao texto em questão.

Já vimos que esse texto de Freud trata da teoria da sexualidade infantil e que dela deriva uma teoria a respeito da atividade intelectual adulta: é a curiosidade sexual infantil que está na base da relação adulta com o saber.

A sede de conhecimento parece ser inseparável da curiosidade sexual.(FREUD, 1999, P.96)

Entretanto, além de afirmar esse conteúdo, a própria forma da escrita coloca em cena e dá vida a essa proposição. Durante grande parte do texto, Freud trata Hans como um verdadeiro investigador. Em uma nota de pé de página, ele compara o procedimento investigativo de Hans ao de determinados filósofos:

Ele [Hans] não se comporta pior do que um filósofo da escola de Wundt. Do ponto de vista dessa escola, a consciência é a característica invariável daquilo que é mental, da mesma forma que, do ponto de vista do pequeno Hans, um pipi é o critério indispensável dos seres animados. (...) como frequentemente ocorre com as pesquisas sexuais das crianças, por trás do erro se dissimula um fragmento de conhecimento exato.(FREUD, 1999, P.98)<sup>14</sup>

Freud acompanha assim, passo a passo, a construção de conhecimento de Hans. Vejamos algumas passagens onde sublinho os termos que compõem habitualmente o universo semântico da pesquisa e da construção de conhecimento:

(...) ao exprimir-se dessa maneira, Hans está contradizendo em voz alta uma dúvida que se alojava no fundo dele mesmo.(FREUD, 1999, P.99)

Todo investigador corre o risco de incorrer em um erro ocasional.(FREUD, 1999, P.100).

O grande problema se colocou então para ele: de onde vêm as crianças? Esse é talvez o primeiro problema cuja solução recorre às forças mentais da criança, problema cujo enigma da Esfinge de Tebas constitui tão somente uma versão deformada. Hans rejeitou a explicação que lhe propunham: a cegonha teria trazido Anna.(FREUD, 1999, P.187)

É nesse contexto que Freud utiliza várias vezes a expressão **teorias sexuais infantis** pois, de fato, é atribuída a Hans a condição de pesquisador. Entretanto, ao mesmo tempo em que Freud nos coloca a par de cada etapa da pesquisa de Hans, ele nos faz acompanhar os passos, os problemas e as soluções de sua própria pesquisa. Vimos que no início do artigo, Freud explica que embora suas hipóteses sobre a sexualidade infantil já tenham sido desenvolvidas em outra oportunidade (FREUD, 1923), ele se pergunta aqui se essas hipóteses são empiricamente observáveis.

Seria então impossível observar diretamente na criança esses impulsos sexuais (...)? (FREUD, 1999, P.94)

---

<sup>14</sup> O grifo é meu.

O trabalho sobre as anotações realizadas pelo pai de Hans permite então os dois movimentos próprios a essa modalidade de pesquisa e que aparecem no texto. De um lado, a tentativa de utilização de conceitos para interpretar e compreender o caso específico de Hans, movimento que podemos chamar, para simplificar, da teoria à prática. Por outro lado, partindo da observação do caso concreto e específico de Hans, Freud tenta consolidar e refinar os conceitos e proposições teóricas, ou seja, empreende o movimento oposto que consiste em ir da prática à teoria. No âmbito da epistemologia e da metodologia das ciências é o que comumente se chama **método dedutivo** e **método indutivo**, métodos esses que não são necessariamente excludentes, e sim complementares.

Assim, ao longo de todo texto, acompanhamos, quase em suspense, o modo como surgem os obstáculos, as tentativas nem sempre exitosas de superá-los, os vários caminhos possíveis e, por fim as soluções encontradas. Mas tudo isso aparece relacionado as duas pesquisas ao mesmo tempo, à empreendida por Freud e à empreendida pelo pequeno Hans. Em alguns trechos, a alternância entre cada uma delas se faz em uma distância tão curta – apenas um parágrafo - que deixa no leitor um ligeiro sentimento de confusão ou de vertigem pelo intrincamento dos dois processos. Na página 189, por exemplo, o primeiro parágrafo termina com Freud se referindo a Hans e às teorias sexuais infantis e, imediatamente abaixo, no parágrafo seguinte, temos:

É assim que, baseando-me nos resultados da análise, sou obrigado a reconstruir os complexos e desejos inconscientes cujo recalque produziram a fobia do pequeno Hans. (...) Talvez se devesse utilizar o medo de Hans (...) para preencher as lacunas no dossier da nossa demonstração.(FREUD, 1999, P.189)

No parágrafo seguinte, o intrincamento entre os dois processos intelectuais se dá em seu interior mesmo e quase obriga o leitor a reler cada frase afim de certificar-se de qual pesquisa se está falando:

Difícil dizer sob que influência (...) deu-se a mudança de Hans. De que lado iniciou-se o recalque? (...) O que faz tender a balança para a solução da incapacidade intelectual da criança ou bem teria sido uma

incapacidade somática (...)?) Posso apenas colocar essas perguntas sem respondê-las até que uma experiência mais extensa venha em meu socorro.(FREUD, 1999, P.189-190)

Os dois pesquisadores, Hans e Freud, aparecem aqui em pé de igualdade face as suas limitações para encontrar a resposta aos problemas sobre os quais trabalham.

Proponho então que se conceba a escrita desse texto como a imagem de **dobra**. A pesquisa de Freud se encontra com a de Hans e vice-versa, uma se interpenetra com a outra e, de certo modo, uma **é** a outra. É como se, nessa junção do dito e do dizer, a pesquisa de Freud encontrasse seu ponto de engendramento, o seu **umbigo**, por assim dizer. **A origem da atividade intelectual adulta está na atividade intelectual infantil.** Essa proposição universalizante de Freud ressoa aqui de modo novo, único e irrepetível, como se sua proposição retornasse sobre ele próprio e desse a ver algo de seu próprio caso – **o caso Freud**. O pesquisador adulto Freud encontra aqui seu duplo infantil.

Nada disso é dito por Freud o que nos leva a concluir que não é algo de que ele se dê conta. Principalmente se levarmos em conta os outros escritos de Freud em que ele não hesita em falar de seus próprios sintomas, sonhos, etc. Mas se aqui o que estou chamando de dobra não é algo que esteja escrito, talvez se possa afirmar que está lá, **no** escrito. E nessa dobra, nessa imbricação e confusão das vozes de Freud e de Hans estaria a voz do autor/pesquisador Freud. Não se trata de conceber a voz do autor como uma voz que designa **o senhor** da escrita, aquele que a domina e controla, mas uma voz que torna presente algo da ordem de um **acontecimento de sentido**: efeito do encontro entre um autor/pesquisador e seu objeto. E é esse encontro que estaria na base do princípio organizador do texto.

**Referências bibliográficas:**

- AMORIM, M. 2001, **O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas ciências humanas**, São Paulo, Ed. Musa.
- BAKHTINE, M. 1978, **Esthétique et théorie du roman**, Paris, Ed. Gallimard.
- BAKHTINE, M. 1984, "Remarques sur l'épistémologie des sciences humaines"  
**Esthétique de la création verbale**. Paris, Ed. Gallimard, p.381-393.
- BENVENISTE, E. 1966, "Les relations de temps dans le verbe français" **Problèmes de linguistique générale, vol. I**, Paris, Ed. Gallimard, p.237-250.
- CHARAUDAU, P. e MAINGUENEAU, D. 2002, **Dictionnaire d'analyse du discours**, Paris, Ed. Seuil.
- FREUD, S. 1999, "Analyse d'une phobie chez un petit garçon de 5ans (Le petit Hans)"  
**Cinq psychanalyses** Paris, PUF, p.93-193.
- FREUD, S. 2005, "Conseils aux médecins dans le traitement psychanalytique", **Œuvres complètes**, Paris, Ed.PUF, p.145-154.
- FREUD, S. 1956, "Mademoiselle Elisabeth von R..." **Etudes sur l'hystérie**, Paris, Ed. PUF, p.106-145.
- FREUD, S. 1923, **Trois essais sur la théorie de la sexualité**. Paris, Ed. Gallimard.
- TODOROV, T. 1981, **Mikhaïl Bakhtine. Le principe dialogique**. Paris, Seuil.

**AUTORA:**

Marília AMORIM, Professora Doutora.

Universidade de ParisVIII

Departamento de Ciências da Educação/Equipe de Filosofia da Educação

E-mail: [mamorim@univ-paris8.fr](mailto:mamorim@univ-paris8.fr)